



A FINALIDADE ESPIRITUAL DA MÚSICA NO CONTEXTO COMUNITÁRIO CRISTÃO

The Spiritual Purpose of Music in the Christian Community Context

Ester Rodrigues Pereira Martins¹

Resumo:

Onde houver uma comunidade que deseja se reunir para determinado propósito, deve haver também diretrizes que regem esse encontro. Essas diretrizes passam pelo local, horário, se for para culto, que tipo de culto, quais os fundamentos, que escritura ampara os fundamentos, as questões de liturgia, a cultura dessa comunidade, a língua, etc. Em se tratando de culto cristão, o objetivo é reunir a comunidade em torno de Cristo trazendo à memória a sua morte, até que Ele venha. Esse é o fundamento bíblico que norteia a liturgia aplicada ao encontro comunitário cristão. Diante da comunidade estão algumas pessoas, que colocam seus dons à disposição do serviço litúrgico. Esses dons orientam, direcionam o culto ao propósito, ao norte, que é a memória de Cristo. Um deles é a manifestação artística, mais precisamente a música. É preciso clareza sobre quem é o artista, seu conhecimento, sua espiritualidade e área de atuação no culto cristão. O papel da arte na liturgia deve ser a maturidade do corpo de Cristo. O desafio é apresentar a beleza de Deus, mesmo que em estruturas imperfeitas, sem atrair atenção para o ser humano em si mesmo. A reflexão que segue, observa a bibliografia de artistas cristãos que nos convidam a admirar a beleza de Deus através da arte, seja no ambiente litúrgico ou não.

Palavras-chave:

Comunidade. Liturgia. Música.

Abstract:

Where there is a community wanting to meet for a purpose, there must also be guidelines governing that meeting. These guidelines go by the place, time, if it is for worship, what kind of worship, what are the foundations, what scripture supports the foundations, the liturgy issues, the culture of that community, language, etc. When it comes to Christian worship, the goal is to bring the community around Christ by recalling his death until he comes. This is the biblical foundation that guides the liturgy applied to the Christian community meeting. Accordingly, the community are some people, who put their gifts at the disposal of the liturgical service. These gifts guide, direct the worship of purpose, to the north, which is the memory of Christ. One of them is the artistic manifestation, more precisely the music. It is necessary to be clear about who the artist is, their knowledge, their spirituality and their area of activity in Christian worship. The role of art in the liturgy must be the maturity of the body of Christ. The challenge is to present the beauty of God, even in imperfect

¹ Especialista em Educação e Gestão Musical em Contexto Comunitário pelo ISEI (2017) orientada pelo prof. Dr. Júlio César Adam. Licenciada em História pela Uniasselvi (2014). Médio em Teologia pela Faculdade Refidim (2010). Formada em Canto Lírico, Teoria Musical, Harmonia e História da Música pela Escola de Música Villa-Lobos – Joinville -SC (2016). E-mail: esterrodriguespereira@hotmail.com

structures, without attracting attention to the human being in himself. The following reflection looks at the bibliography of Christian artists who invite us to admire the beauty of God through art, whether in the liturgical environment or not.

Keywords:

Community. Liturgy. Music.

Considerações iniciais

A princípio de reflexão, são necessárias algumas indagações acerca da finalidade espiritual da música no contexto da comunidade cristã. O que a arte tem a contribuir com o culto comunitário, quais os parâmetros escriturísticos, quem é o artista, seu perfil e seu lugar na liturgia? Ante os desafios do século XXI para a liturgia tradicional, o que realmente é relevante para a adoração a Deus num ambiente litúrgico? Essas perguntas são de grande peso no contexto em que vivemos das igrejas emergentes. Como também é importante discernir a diferença entre culto autêntico e entretenimento. Certamente o ingrediente da boa teologia é importante tanto quanto foi para a igreja primitiva. O que manter e o que devemos renovar para que o mundo atual entenda o que estamos querendo transmitir e como igreja peregrinarmos de forma relevante sendo sal e luz?

Sabemos que adorar não se restringe a fazer música. É muito mais que cantar e tocar, envolve a vida inteira. Envolve o ser por inteiro entregue em renúncia, a exemplo de um profeta do período do *profetismo judaico*.² Mas como esse trabalho está discutindo os parâmetros da arte musical e da espiritualidade cristã, delimitamos nosso tema a pensar sobre a adoração envolvendo a música e o papel do artista no contexto da comunidade cristã contemporânea. Mas, o que é adoração e como se manifesta sua autêntica expressão?

Adoração, culto e liturgia

Adoração nos remete ao reconhecimento dos feitos, das qualidades de alguém a quem prestamos homenagens, louvores, elogios. No contexto do culto cristão, define-se como uma reação

² PETERLEVITZ, Luciano R. Introdução ao Profetismo. *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2008. De acordo com o autor, o profetismo é um fenômeno religioso presente em muitas culturas do Antigo Oriente Médio. [...], em sua maneira de proceder, os profetas pagãos diferenciavam-se dos profetas bíblicos. [...], é fundamental afirmarmos que essas duas correntes proféticas diferem bruscamente em seu caráter teológico. [...] O profeta pagão não trazia uma mensagem com fundo moral e ético. Apenas buscava descobrir o futuro para orientar os reis sobre guerras a declarar, sobre alianças políticas a fazer ou decisões por tomar. [...] O movimento profético vétero-testamentário é caracterizado pela multiplicidade. [...] em resumo, existem três ramificações do profetismo. 1) existem os profetas do templo e da corte (Natã e Gade); 2) existem profetas críticos, pré-literários, que se distanciam da corte e do templo (Elias e Eliseu); 3) existem profetas radicais, da profecia literária, que visam o fim do rei e do Estado (Amós, Isaías, Jeremias, etc.). [...] quando lemos os textos proféticos percebemos os profetas ilustrando suas mensagens mediante ações simbólicas. [...] Era comum entre os profetas transmitir uma mensagem mediante um gesto, que seria um recurso didático para prender a atenção dos ouvintes.

Nota da autora: O texto do artigo acima, se refere ao exercício sério da arte na liturgia, em paralelo com a seriedade do ministério dos profetas de Israel, que entregavam literalmente suas vidas à exposição dos riscos de chocar com a representação teatral de sua mensagem, criticando o sistema religioso e político num teor de crise geral, chamando ao arrependimento. Assim, correram todos os riscos e se privaram de liberdade em nome da mensagem que anunciavam.

em reconhecimento ao que Deus fez por nós: “Adoração é uma reação ativa a Deus, pela qual declaramos sua dignidade. “[...], não é passiva, mas sim, participativa. [...] não é simplesmente um clima; é uma reação. [...] não é apenas uma sensação; é uma declaração.”³ A essência da adoração comporta nosso reconhecimento que só Deus nos é suficiente e deve ser celebrado por nossa alma e nesse princípio nada ainda tem a ver com as notas do canto, dos instrumentos. O uso do nosso corpo, dos instrumentos e da música são conseqüências da nossa reação, do desejo de oferecer uma oferta. Rubem Amorese esclarece que:

A palavra adoração traz conotações mais íntimas e afetivas para expressões de amor (ágape). Ela não se materializa em liturgia, embora esteja na gênese do louvor e da liturgia. A adoração, assim como o amor, não se vê. O que aparece é seu resultado exterior, como expressão dramática da intimidade. Suas exteriorizações comportamentais são de difícil reconhecimento. Num mesmo momento, um dança e outro se ajoelha, um canta e outro chora; um levanta as mãos e outro as cruza no peito. No entanto, quando adoram, todos amam, todos se expressam, todos oferecem sacrifício, todos se transformam nesse momento de verdade íntima, pessoal e, muitas vezes, coletiva.⁴

A adoração é o princípio da liturgia e do culto. O culto trabalha em função da adoração, da integração em amor da comunidade em torno do Cristo vivo. A adoração provém do conhecimento de Deus, do caminhar com Ele, de forma que esse conhecimento nos instiga a celebrá-lo pelo que é, fez e faz na criação. “Nós o exaltamos, cantamos-lhe louvores e nos orgulhamos Dele.”⁵ Os sons do nosso corpo, das notas dos instrumentos sintonizam nosso coração com a glória de Deus pelos milhares de motivos que temos para adorá-lo. O coração que está cheio das palavras de Deus, assim é impulsionado a adorá-lo usando a criatividade. “Quando o coração estiver direcionado para Deus, a verdadeira adoração não dependerá de estímulos exteriores, estará em constante progresso.”⁶ A adoração é o elemento principal da liturgia. A liturgia é vazia sem a adoração, por isso a adoração pode ocorrer mesmo sem a liturgia, ela é maior que essa.

A palavra liturgia vem do grego *leitourgia*, que quer dizer *função pública*.⁷ Tem um caráter prático e funcional e visa ordenar os ritos de uma celebração religiosa com coerência a fim de que a mensagem cültica seja compreendida por todos os participantes. Sissi Georg,⁸ ao falar sobre liturgia cristã como dádiva e compromisso, diz que a música e a liturgia “unem as pessoas entre si! As pessoas sentem-se e tornam-se uma só voz, uma só comunidade, um só corpo: o corpo de Cristo. ” De acordo ainda com essa autora, a liturgia e a música no ambiente do culto devem contribuir para que as pessoas “visualizem” pela fé o divino: “[.] visam cooperar para que as pessoas vivenciem o Deus-Emanuel, o Deus presente, que ouve, abençoa, toca, cura; que reúne, anima, congrega, envia; que fala, fortalece, consola, perdoa. ”

O culto cristão composto desses elementos é uma recapitulação da história da salvação. Momento em que o homem reflete sobre sua condição de pecador e reconhece os benefícios da reconciliação com Deus em Cristo através da morte vicária. Por isso nossa adoração deve ser cristológica. A santa ceia como mandamento de Cristo e um elemento do culto, é imprescindível para que os participantes reflitam “a oferta única do cordeiro sem mácula” que nos remete todas

³ ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. *Teologia da adoração*. São Paulo: edições Vida nova, 2002. p. 16.

⁴ AMORESE, Rubem Martins. *Louvor, adoração e liturgia*. Viçosa, MG: Ultimato, 2004. p. 25.

⁵ ALLEN; BORROR, 2002, p. 18.

⁶ ALLEN, 2002, p. 24.

⁷ AMORESE, 2004, p. 26.

⁸ In: EWALD, Werner (editor). *Música e Igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal/conselho de música da IECLB; Porto Alegre: Coordenadoria de música da IECLB, 2010. p. 20.

as vezes que tomamos o cálice, ao Santo dos Santos.⁹ O culto cristão é um ensaio do encontro com Deus, da reconciliação com Ele, a retomada daquela comunhão do Éden.

J. J. Von Allmen¹⁰ exemplifica o Filho de Deus como aquele que ofereceu o mais perfeito culto ao pai assegurando que “a base cristológica da adoração da igreja consiste no ministério de Jesus, no ato de perfeita adoração “que Ele fez de sua vida. O culto da igreja é tanto um memorial como um eco efetivo desse culto messiânico.” A entrega de Cristo na encarnação e durante sua vida aqui é a essência do culto do adorador. Cristo como o sumo sacerdote e ao mesmo tempo, o cordeiro no altar, é celebrado como o ofertante e a oferta. Assim temos um sacrifício perfeito oferecido de uma vez por todas. “A adoração da Igreja, portanto, tem uma dupla fundamentação cristológica: o culto terreno celebrado pela vida, morte e glorificação do Cristo encarnado, e o culto celeste que, na glória, Ele celebra até ao dia do mundo vindouro.”¹¹

Segundo o mesmo autor, o culto bíblico, mais especificamente nos termos do novo testamento, se refere a uma “reatualização, uma reconstituição do passado de forma a torná-lo presente, um compromisso.”¹² A palavra usada por Jesus e por Paulo (I Co 11.24) é *anamnese* ou *memorial*. Significando assim, mais que memória. A palavra memória subentende lembrança de um evento passado que não tem mais como trazê-lo ao presente. Mas quando se trata de *anamnese*, o evento é trazido ao presente através dos símbolos, refletido e vivido na esperança de seu efeito futurístico. Sendo que, partindo desse prisma, o culto é um evento escatológico, que aponta para o ápice da reconciliação com Deus. “O culto da Igreja nada mais é do que uma prolepse do banquete messiânico, da alegria do Reino – por ora tão ambígua que só é perceptível à fé.”¹³

Assim, um culto organizado de forma a ser acessível à comunidade, é essencial. Quem ministra precisa ter comunhão com os irmãos e sensibilidade para se adequar ao perfil da igreja na qual ministra. Se Cristo é acessível, devemos como músicos também imitá-lo e o que fazemos, deve ser coerente com o conhecimento das pessoas que participarão do culto. Se desejamos inovar, introduzir algo que venha a inserir um grupo mais novo na comunidade, preparamos um momento pedagógico para apresentar a novidade e através da argumentação, com o amor de Cristo fazê-lo sem comprometer o sentido verdadeiro do culto. Ronald Allen, um profícuo ministro de louvor norte-americano nos alerta a sermos inovadores e sensíveis ao mesmo tempo. Segundo ele, *sensibilidade* é a essência do artista que serve a Deus com seus dons:

Evite a tentação de ser engraçadinho; o uso da criatividade só para ser diferente é prática de péssimo gosto. Deus decerto é criativo, mas sempre tem um gosto refinadíssimo. Além disso, seja sensível para com o povo a quem Deus o chamou para servir. Conduza-o gentilmente a mudanças. [...] Mudanças feitas com criatividade, bom gosto e no momento certo, enriquecerão a adoração mesmo dos mais resistentes.¹⁴

De acordo com os estudiosos da liturgia, a mesma deve ser aos poucos contextualizada. Essa contextualização nem sempre é fácil, pois a comunidade vai se renovando a cada cinquenta, setenta anos e, quando duas ou três gerações estão no mesmo espaço, o encontro com o “novo” geralmente não é harmonioso. Mas a igreja precisa acalentar a juventude e transmitir o evangelho no seu tempo sem perder a essência e isso é um desafio. Temos dificuldades com mudanças porque receamos perder nossa identidade e na maioria das vezes não sabemos como administrar as

⁹ ALLMEN, J. J. Von. *O culto cristão: teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 2005. p. 21-24.

¹⁰ ALLMEN 2005, p. 25.

¹¹ ALLMEN, 2005, p. 25.

¹² ALLMEN, 2005, p. 33.

¹³ ALLMEN, 2005, p. 36.

¹⁴ ALLEN; BORROR, 2002, p. 74.

questões de inovação, pois achamos que perderemos nossa essência, nossos padrões do divino sem os quais não podemos viver. Achamos que o “divino” já está encaixado nos nossos paradigmas e não queremos abrir mão. É mais fácil abrimos mão do divino, mas nunca da nossa cosmovisão. Quem não abre mão dos seus conceitos, não os reformula, não reflete, portanto, não se contextualiza. É como tentar se comunicar no século XXI, com o português da época de Camões. Isso vale para as artes, para a liturgia, para o culto. Jaci Maraschin, assim sugere:

As culturas não são eternas nem imutáveis. [...] por causa disso, a pós-modernidade tende a estimular a fragmentação da cultura e acentuar as diferenças. As artes passam a representar importante dimensão da nova atitude cultural. Pareceria que depois do movimento artístico modernista do início do século vinte e de seus desdobramentos depois da segunda guerra mundial, pouca coisa teria sido deixada para as gerações que vieram depois. Mas a criatividade não cessa. [...] descarta-se o modelo do passado não porque seja considerado errado ou mau, mas porque já teria esgotado suas possibilidades. [...] No que concerne à cultura, a pós-modernidade exige que a liturgia se “desracionalize” e se abra para a experiência da fragmentação, experimentando novas formas artísticas [...].¹⁵

O ato da simples reflexão sobre esse assunto já nos impele para uma área desconfortável. Há necessidade de sermos relevante para o momento atual como igreja de Cristo, e não devemos estar alheios ao mundo e às manifestações dos anseios do mesmo. Ocorre que temos a mensagem do Cristo que é Tudo em todos, mas insistimos em transmiti-la duma maneira que não somos mais entendidos. Dr. Maraschin ainda insiste que “as comunidades litúrgicas terão que se abrir a experiências localizadas e reinventar o culto.”¹⁶

Arte e cristianismo

Nem sempre arte religiosa garante um tema cristão. Deus é maior que sua revelação expressa nos escritos bíblicos. A expressão artística no homem pode abranger mais que um tema de cunho religioso. Bach compôs muito com temas religiosos e cristãos, mas nem tudo o que fez foi assim. Contudo, suas obras “não cristãs” também expressam a glória de Deus. Elas não são próprias para o ambiente litúrgico talvez, mas glorificam o Deus que “enche toda a terra.” De acordo com Francis A. Schaeffer:

[...] o artista cristão não precisa se concentrar nos temas religiosos. Afinal, os temas religiosos podem ser completamente não cristãos. Um exemplo é a arte contracultural nos jornais alternativos em que Cristo e Krishna são mesclados: aqui está a arte religiosa por excelência. Porém isso é totalmente anticristão. Os temas religiosos não garantem que uma obra de arte seja cristã. Em contrapartida, a obra de um artista que jamais pintou o rosto de Cristo ou um sepulcro aberto pode se configurar como uma magnífica arte cristã. Para alguns artistas, há espaço para os temas religiosos, porém um artista não precisa se culpar por não os usar. Alguns artistas cristãos jamais usam temas religiosos. Esta é uma liberdade que o artista tem em Cristo, sob a direção do Espírito Santo.¹⁷

A arte é um componente da cultura. “A cultura é o resultado da atividade criativa do homem dentro de estruturas dadas por Deus. Portanto, ela nunca deve ser algo à parte de nossa fé.”¹⁸ A dificuldade cristã de viver no seu contexto sociocultural, impulsiona na maioria das vezes a negar a cultura desse contexto, como algo que Deus abomina. Muitos se tornam anticulturais e limitam a ação de Deus à uma pequena área da vida. Não compreendem com clareza a vida por

¹⁵ MARASCHIN, Jaci. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010. p. 120, 121.

¹⁶ MARASCHIN, 2010, p. 121.

¹⁷ SCHAEFFER, Francis A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2010. p. 74, 75.

¹⁸ ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015. p.46.

inteira como adoração a Deus. Transformam toda adoração em liturgia para o culto, estabelecem certos critérios que distinguem os cristãos dos não cristãos pela música que eles ouvem, ou seja, cristãos só ouvem música cristã. A partir desse prisma não conseguem apreciar o amor humano, a criação divina, a criatividade humana, como sendo manifestações autênticas da ação de Deus no mundo. E há aqueles que tem aversão à arte, pelo fato de a mesma não estar restrita ao ambiente do culto.

Discursa-se muito o senhorio de Cristo sobre a nossa vida, mas não se vive na realidade. “O senhorio de Cristo sobre a vida como um todo significa que não há áreas platônicas no cristianismo, nem dicotomia ou hierarquia entre corpo e alma, e a redenção é para o homem todo.”¹⁹ Um tanto de passagens da Bíblia sagrada finalizariam a aversão cristã à arte. Como exemplo básico, o livro dos Salmos, o de Levíticos e o Apocalipse. São demonstrações claras de que a cultura à qual Deus se manifestou, o fez com arte. Muitas vezes essa teofania não acontecia num ambiente cívico. Ao examinarmos esses trechos sagrados, somos impelidos a ouvir sons de música e visualizar imagens o tempo todo. A arte é um meio de aprender sobre Deus e seus atributos. Algumas cenas, como no Apocalipse chegam a ser chocantes, como de literatura fantástica, surreais, manifestações artísticas.

Diante de tudo isso, a dúvida é: então de que forma compreendemos existir no mundo o bem e o mal, o certo e o errado, o sagrado e o profano, o que é de Deus e o que não é, a arte inofensiva e a anticristã? Se somos de Deus, Ele nos fez para a criatividade, para a estética, como gerir essa dualidade com discernimento sendo cristãos apreciadores da beleza? O teórico das artes, H. R. Rookmaaker, chama nossa atenção:

O homem, na Queda, trouxe o pecado e, conseqüentemente, uma maldição para o mundo. E por isso há uma dualidade entre o bom e o mau, o certo e o errado, o belo e o feio. Em sua pecaminosidade, o homem quis ser como Deus, ser autônomo. E o pecado, trazendo consigo a decadência, enfermidade e, por fim a morte, ainda está no mundo, desfigurando a maravilhosa criação de Deus. Essa é a verdadeira divisão. Ela atravessa toda a humanidade, afetando todo o ser humano; dois caminhos opostos, um como Deus quer e outro contrário à sua vontade.²⁰

Há uma outra questão a ser refletida como aspecto da arte a ser observados pelos cristãos que desejam apreciá-la com liberdade, sem impor a mensagem que a mesma deva terminantemente transmitir. Essa questão diz respeito ao fato de que pensamos que sempre devemos fazer arte para “evangelizar.” Em partes não é errado. Mas o evangelho não precisa da arte para ser autêntico. Ele já é verdadeiro por si mesmo e é uma mensagem cuja transmissão não está na alçada das artes. Mesmo que a arte seja de cunho cristão e fale de Cristo, como o oratório “Messias,” as “Paixões,” a “Negação de Pedro.” Händel, Bach e Rembrandt não estavam evangelizando, estavam trabalhando “para a glória de Deus.” Rookmaaker ainda nos adverte que arte pode se tornar inferior e insincera ao tentar comunicar uma mensagem que não lhe compete:

Eles não comprometeram sua arte. Não estavam produzindo ferramentas de propaganda religiosa ou publicidade santa. E precisamente por isso suas obras foram tão profundas e importantes. Elas não eram um meio para o fim de ganhar almas; eram significativas em si e um fim em si mesmas. Elas eram para a glória de Deus.²¹

Portanto, nem a arte, nem o evangelho precisam um do outro para serem autênticos. Os dois são obra de Deus. A arte não precisa ser justificada, nem o evangelho precisa de justificativa. O evangelho é o anúncio da boa nova da reconciliação com Deus aos presentes no culto. A arte tem

¹⁹ SCHAEFFER, 2010, p. 16.

²⁰ ROOKMAAKER, 2010, p.46.

²¹ ROOKMAAKER, 2010, p. 37.

seu lugar na liturgia, como expressão da glória de Deus, manifestando sua bondade, sua graça, sua beleza aos reconciliados confirmando o evangelho. Assim, ela está também nas salas de concerto, ao ar livre, nas escolas, em todos os lugares mostrando as maravilhas de Deus.

A arte diz o que tem a dizer, mas não se encontra em lugar de Deus no evangelho. Esse também, é o cuidado que todo artista cristão deve tomar nos caminhos do seu coração ao exercer a arte, seja no ambiente litúrgico ou não. Somos alertados que “a arte é um capataz exigente e de vez em quando toma o lugar de Deus como objeto de adoração. [...] nossas faculdades e conservatórios estão cheios de estudantes que abraçam as artes e ignoram o mestre da criatividade.”²² Em toda a bíblia a arte convive com o ato da revelação de Deus, ela é um dos meios pedagógicos através do qual podemos vislumbrar a grande mesa da comunhão estabelecida no meio ambiente de Deus.

O artista cristão e o exercício do dom

É comum encontrarmos ministros de louvor que ministram sem interessar-se pela sua comunhão com Deus e nem pela teologia que a igreja à qual estão ministrando crê. Não é necessário ser teólogo para ministrar o louvor. Mas conhecer os fundamentos da fé, ter contato com o texto bíblico, comunhão com a igreja, ser sensível ao sofrimento humano, são algumas das qualidades que tornam o artista uma pessoa com os predicados adequados ao exercício desse ministério. Rubem Amorese (2004) diz que o artista é aquele que tem sensibilidade para fazer um belo arranjo com as flores que tem na mão. *Sensibilidade* outra vez, é a palavra que melhor resume o artista.

A arte é uma linguagem, e deve ser cuidadosamente executada para que as pessoas envolvidas a compreendam em seus corações. Diz ele ainda que “todo ministro de louvor e adoração é um artista. Pelo menos, deveria ser, pois o culto perde muito quando sobe ao púlpito um burocrata.”²³ O arranjo de flores, é usado pelo autor como uma figura do “belo” na criação, algo que expressa a glória de Deus. De acordo com ele, arranjar lindamente um buquê de flores é tão complexo quanto as almas que chegam diante do altar. E quem o faz, deve atuar com sensibilidade amorosa. Algo que um burocrata não está habilitado a fazer.

O artista cristão deve ser criativo ao transmitir sua mensagem. Compreender sua fé para que possa comunicá-la de maneira clara. De fato, montar um arranjo de flores de forma a encantar pessoas ao redor mundo por séculos tem de estar certo da sua fé e missão. Assuntos teológicos complexos, que desde o início da história da igreja são alvos de discussões intermináveis, foram discutidos em acordes de forma clara e bela. Allen nos dá um exemplo bem expressivo:

Considere o ensino bíblico sobre a essência de Deus. Ele é um Deus, três pessoas. Através dos séculos, esse conceito tem causado confusão e frustração sem fim para teólogos e também para leigos. Já se escreveu e se falou sobre essa verdade eterna. Mas de nenhuma outra maneira é expressa de forma mais bela do que na música dos trios sonatas para órgão de Bach. Através dos anos, músicos maravilham-se com a excelência artística dessas obras. É uma melodia na mão direita, uma na esquerda e uma outra na linha do pedal – todas soam de uma só vez, cada uma conserva a própria identidade, contudo formam uma bela harmonia juntas. O compositor planejou a obra para ser uma expressão, uma imagem tonal, do mistério eterno da divindade.²⁴

²² ALLEN; BORROR, 2002, p. 21, 22.

²³ AMORESE, 2004, p. 120.

²⁴ ALLEN; BORROR, 2002, p. 28.

Assim o artista cristão trabalha para a glória de Deus. Conhecer a Deus é primordial para o ministro de louvor que serve a Deus para abençoar a comunidade. Ter um bom conhecimento bíblico, uma sólida base de sua fé é imprescindível para transmitir essa comunhão com Deus através de sua arte com liberdade e clareza. Se Bach estivesse alheio ao conteúdo doutrinário de sua igreja, jamais poderia ser claro e simples em expressar tal doutrina através do som com desenvoltura e beleza. A espiritualidade do artista aflora na sua arte.

Sendo um artista competente fazendo seu trabalho com maestria, Johann Sebastian Bach (1685-1750) reunia em sua atuação os predicados que um músico cristão deve atentar e rever. A qualidade técnica e o exercício da fé bíblica devem andar juntos. De acordo com os estudiosos de sua obra:

Ganhou uma certa fama na Alemanha protestante como virtuoso do órgão e autor de obras contrapontísticas eruditas, [...]. Bach considerava-se a si próprio como um artesão consciencioso que fazia o seu trabalho o melhor que sabia para a satisfação dos seus superiores, para deleite e edificação dos seus semelhantes e para glorificar a Deus. Ficaria, sem dúvida, admiradíssimo se lhe dissessem que duzentos anos após a sua morte a sua música seria executada e estudada no mundo inteiro e seu nome mais profundamente venerado pelos músicos do que o de qualquer outro compositor.²⁵

De acordo com Rookmaaker²⁶ há “quatro qualidades que determinam o escopo, a profundidade e a importância de qualquer artista: talento, inteligência, caráter e aplicação.” *Talento* é o potencial, a inclinação para determinada missão, com qualidades a serem aperfeiçoadas e fraquezas a serem enfrentadas. Para o artista cristão, talento tem a ver também com a espiritualidade, sensibilidade em ouvir a Deus, e falar aos corações das pessoas sobre a grande esperança em um Ser que está presente na sua criação.

Segundo o mesmo autor, a *inteligência* que possui o artista é a capacidade de analisar a situação, as complexidades e dar a melhor solução. Ainda o *caráter* do artista, que está o tempo todo à baila, o convocando às escolhas muitas vezes comprometedoras. Suas decisões dependem desse conjunto de qualidades e fraquezas que estão borbulhando, e discutindo com seu talento e inteligência. Ou, agrada o mercado do entretenimento e compromete sua arte, seu talento, sua inteligência, angariando evidência, fama, estando assim, cativo à tentação ocorrente aos homens, que é construir a sua eternidade. Ou, resolve que vai arranjar com carinho e cuidado as flores que tem na mão, agradando o Dono do talento recebido, sendo muitas vezes, anônimo. Rookmaaker²⁷ reforça que o caráter “determina a grandeza e importância do artista. E muitos têm falhado nesse ponto. [...] se o trabalho for bem feito, ele sobreviverá à ocasião, [...]. [...], algo belo sobrevive – se suas qualidades não forem efêmeras.”

E por fim, a *aplicação*, como outra qualidade indispensável. A mesma remete à dedicação, o tempo que, junto com o talento, a inteligência e o caráter, resultam numa primorosa obra de arte. A genialidade por si só não produz uma obra de arte se não houver tempo dedicado aos estudos, ao preparo do sermão, à liturgia. É o momento do aperfeiçoamento das habilidades, peso das possibilidades, conhecimento das necessidades do público alvo da mensagem.

Deus deu uma rica oportunidade aos artistas: mostrar um pouco da beleza da eternidade, mostrar o Emanuel, um pouco da comunhão, da reconciliação com Ele. Alguns na história

²⁵ GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. *A História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva – Publicações, 1994. p. 438.

²⁶ ROOKMAAKER, 2010, p. 70

²⁷ ROOKMAAKER, 2010, p. 71, 73.

entenderam sua missão e, empregaram sua arte para enaltecer aquele que é “Tudo em todos.” Nas palavras do historiador das artes:

Os artistas cristãos são pessoas que trabalham, pensam e agem como artistas, usando seus talentos e possibilidades. Porém, trabalham com outra mentalidade e com outra prioridade em suas vidas. Essa mentalidade implica trabalhar com liberdade. Não precisamos provar nada a nós mesmos, já que a busca por fama e a preservação do nosso orgulho pessoal não nos incomodam, pois não precisamos construir nossa própria eternidade.²⁸

Quando Jesus nos convida a vir e “morrer”, ele está convidando a todos, inclusive os artistas para viverem para Ele. Não é nada cômodo aceitar esse convite, pois viver em Cristo compromete nossa identidade, nossos ideais os quais tanto apreciamos. Cristo convida a todos, artistas ou não, para viver a vida cristã como obra de arte. Ao artista cabe ensinar aos outros como fazê-lo. Nossa vida é a obra de arte na qual o Espírito Santo trabalha todos os dias, a fim de oferecê-la para a glória de Deus.

Sugiro que tomemos todas essas perspectivas sobre a arte e consideremos como elas se aplicam à nossa própria vida cristã. [...] nenhuma obra de arte é mais importante que a própria vida do cristão e todo o cristão deve se preocupar em ser um artista nesse sentido. Ele pode não ter o dom da escrita, nem da composição ou do canto, mas toda pessoa tem o dom da criatividade no que diz respeito à forma como vive a sua vida. Nesse sentido, a vida do cristão deve ser uma obra de arte. A vida do cristão deve ser algo verdadeiro e belo em meio a um mundo perdido e desesperado.²⁹

O culto cristão e seus elementos são uma demonstração da ação artística do Espírito Santo trabalhando em nós através de homens e mulheres os quais ele dotou para mostrar o amor do Pai em seu Filho. E mesmo que o artista faça arte para a glória de Deus, há de se observar critérios específicos litúrgicos que não devem ser ignorados. No espaço litúrgico a arte proclama o evangelho e tem como assunto principal, o Cristo vivo. E nessa proclamação, são incluídas todas as pessoas presentes a uma profunda reflexão do que Cristo fez e faz todos os dias através de uma mensagem que nunca morre. Segundo Louis Marcelo Illenseer:

[...] precisamos ter em mente é que a música no âmbito de uma comunidade de fé, independente da denominação, é *funcional*. Também é coletiva. Ela é uma forma de expressar os conteúdos próprios das igrejas, a saber, o próprio evangelho e a exposição da boa notícia de que, a partir de Cristo, nos é concedida a salvação. Música das igrejas é *evangélica*: ela é criada e executada especialmente dentro do culto cristão, que é a reunião das pessoas que confessam a sua fé em Jesus Cristo. Portanto a comunidade, enquanto corpo de seres humanos, tem o papel de organizar a vida comunitária em torno da palavra de Deus e das consequências dessa palavra para a vida de seus fiéis. [...] O fazer musical, nesse contexto, deve levar em consideração uma profunda reflexão teológica das pessoas que coordenam o ministério musical nas comunidades cristãs e necessita ser democrático e plural, uma vez que a comunidade religiosa é, ao mesmo tempo, receptora e participante desse fazer.³⁰

Quem deseja ministrar no santuário, primeiro deve contemplar a beleza da presença de Deus, tal qual Isaías. Só assim poderá reproduzir o que vê no seu fazer musical, apresentando-o à comunidade, e esta, participando com fé da oferta, no exercício do seu sacerdócio ao redor do altar. Deus é Belo, e à igreja foi dado o ministério da reconciliação, para mostrar ao mundo essa beleza

²⁸ ROOKMAAKER, 2010, p. 75.

²⁹ SCHAEFFER, 2010, p. 76

³⁰ EWALD, Werner (Ed.). *Música e Igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal/conselho de música da IECLB; Porto Alegre: Coordenadoria de música da IECLB, 2010. p. 129.

de Deus, para um encontro com Ele. Dia após dia o maior “Artista”, o “Mestre”, trabalha na vida da Igreja para apresentar uma bela obra de arte no Santo dos Santos.

Considerações finais

A arte é a impressão de Deus no ser humano que se manifesta de várias formas transmitindo os diversos afetos da alma mediante sons, imagens, movimentos corporais, etc. Ela pode ser um agente da espiritualidade humana também, como contemplação da beleza que vem de Deus. Essa contemplação pode ser vista, ouvida, sentida, e manifesta às pessoas. Deus nos dá essa oportunidade de mostrar aos outros o que estamos vendo, ouvindo e sentindo Dele. E isso fazemos a partir da espiritualidade e da arte. Assim é manifesta a sua glória entre os homens. Segundo os psicólogos, os artistas são frágeis, muitas vezes melancólicos e sensíveis em sua personalidade. É essa fragilidade que mantém uma porta aberta para um contato do seu ser com Deus, e das outras pessoas às quais é transmitida a mensagem, mesmo que não creiam que Ele exista.

A arte e espiritualidade juntas, possibilitam um canal de diálogo com Deus e com o próximo. E não são puramente científicas ou acadêmicas. Necessitam ser também experienciais e se concretizam quando alguém recebe nossa mensagem vendo, ouvindo e tendo as sensações do que queremos transmitir. Na cristandade, as experiências humanas com o sagrado têm base numa reflexão teológica do que já foi revelado por Deus em Cristo Jesus. Esse é o crivo. A arte e a espiritualidade nos permitem explicar e demonstrar em parte, o reino invisível de Deus entre os homens. O Espírito Santo faria isso com perfeição em muito pouco tempo. Mas, aprouve a Deus chamar artistas, pregadores, professores, etc, pessoas com muitos limites, frágeis, pecadores, para ser luz e sal.

Diante do privilégio que temos de mostrar as obras de Deus aos homens com arte, façamos por gratidão usando o dom concedido por Ele. Tanto a arte como a espiritualidade começam no âmbito individual com um fim comunitário, social, relacional. Só assim há sentido e completude na atividade humana debaixo do sol. A arte vem de Deus e emana para o próximo, a fim de que haja edificação e flua o conhecimento Dele em beleza e perfeição entre as suas criaturas.

Referências

- ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. *Teologia da adoração*. São Paulo: edições Vida nova, 2002.
- ALLMEN, J. J. Von. *O culto cristão: teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 2005.
- AMORESE, Rubem Martins. *Louvor, adoração e liturgia*. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.
- GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. *A História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva – Publicações, 1994.
- MARASCHIN, Jaci. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010.
- PETERLEVITZ, Luciano R. Introdução ao Profetismo. *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2008.*
- ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2010.
- _____. *A arte moderna e a morte de uma cultura*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015
- SCHAEFFER, Francis A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2010.

_____. *Verdadeira espiritualidade*. São Paulo: Cultura cristã, 1999.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.